

Pesquisa aponta falta de medicamentos em hospitais privados do Grande ABC

Dipirona, antibióticos e anestésicos estão entre os principais remédios em escassez; desabastecimento também atinge a rede pública

THAINÁ LANA
thainalana@dgabccom.br

Os hospitais privados de cinco cidades do Grande ABC, com exceção de Diadema e Rio Grande da Serra, estão com falta ou baixo estoque de diversos medicamentos, entre eles dipirona, dramin, soro, antibióticos e anestésicos, conforme aponta pesquisa do SindHosp (Sindicato dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo). O levantamento foi realizado entre os dias 1º a 14 de julho, com 12 instituições de saúde.

Entre os principais problemas apontados pelo estudo aparecem afastamento de médicos e outros profissionais por infecção de Covid (36,66%), falta ou dificuldade para aquisição de medicamentos (16,67%) e falta ou dificuldades para aquisição de materiais ou equipamentos médicos (3,33%).

Assim como nas instituições particulares, a rede pública de saúde também sofre com desabastecimento de remédios. Em âmbito estadual, a Secretaria de Estado da Saúde informou que são distribuídos na rede 300 tipos de remédios, sendo que 134 desse total são de responsabilidade de aquisição e distribuição do Ministério da Saúde. "No momento, 11 medicamentos tiveram atraso ou foram entregues de forma parcial no mês de junho. A pasta segue cobrando o governo fe-

BAIXO ESTOQUE OU FALTA DE REMÉDIOS	
HOSPITAIS PRIVADOS	SUS
▼ Dipirona	▼ Deferasirox 125 mg
▼ Neostigmina	▼ Infliximabe 10 mg/ml injetável
▼ Soro	▼ Lanreotida 60 mg injetável
▼ Anestésicos em geral	▼ Levotiracetam 250 mg
▼ Dramin B6	▼ Levotiracetam 750 mg
▼ Octococina	▼ Levotiracetam 100 mg/ml - frasco de 100 ml
▼ Antibióticos em geral	▼ Rivastigmina 1,5 mg
▼ Atropina	▼ Rivastigmina 3 mg
▼ Aminofilina	▼ Rivastigmina 4,5 mg
	▼ Rivastigmina 6 mg
	▼ Tafamidis 20 mg

Fonte: SindHosp (Sindicato dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo e Secretaria de Estado de Saúde) | Ilustração: Editora de Arte

deral e aguarda a regularização dos medicamentos", informou o órgão.

O presidente do SindHosp, Francisco Balestrin, explica que a falta de medicamentos possui diversas causas, entre elas a diminuição da produção de IFA (Ingrediente Farmacêutico Ativo), principal insumo para produção dos fármacos – produto que é exportado de outros países como China e Índia, por exemplo.

"Com a política de Covid zero, a China chegou a fechar suas fábricas por conta do lockdown. Também soma-se ao problema do transporte na Europa, afetado pela guerra da Ucrânia e Rússia e a inflação mundial provocou o aumento dos preços dos produtos. Em muitos países, a indústria está deixando de produzir remédios. A embalagem, por vezes, custa mais que o próprio medicamento", analisa Balestrin.



O SindHosp enviou ofícios aos Ministérios da Saúde e da Economia solicitando providências emergenciais. "Garantir o abastecimento de medicamentos deva fazer parte da política de segurança nacional. O Brasil precisa encontrar alternativas próprias de importação, armazenamento e produção de remédios", destaca o presidente.

Sobre a ausência dos medicamentos, o Ministério da Saúde alegou que o desabastecimento possui diversas causas globais e que "extrapolam as competências do órgão." Para tentar diminuir o impacto da crise de abastecimento, a pasta informou que adotou série de medidas como a resolução número sete, de 1º de junho, da CMED (Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos), que libera critérios de estabelecimento ou de ajuste de preços em medicamen-

tos com risco de desabastecimento no mercado brasileiro, além de inserir medicamentos na lista de produtos com redução do imposto de importação sobre insumos.

Para tentar driblar a escassez dos fármacos, a diretora clínica do Hospital Santa Ana, em São Caetano, Angela Bossetto, esclarece que os produtos faltantes estão sendo substituídos por similares e com custos mais elevados. "No caso dos antibióticos que estão em falta no mercado, procuramos associar outro tipo de antibiótico ou substituir por outros remédios com a mesma composição farmacológica", finaliza a médica.

FARMÁCIAS MUNICIPAIS

Realizada entre os meses de maio e junho deste ano, o levantamento da CNM (Confederação Nacional dos Municípios), apontou que em 80,4% (1.985) dos municí-



ESCASSEZ. Pacientes das redes pública e privada sofrem com falta de remédios

pios participantes ocorre falta de medicamentos mais comuns na dispensação da farmácia básica, como amoxicilina, dipirona, prednisolona, entre outros.

Os remédios especializados também apresentam escassez em 48,6% dos locais, conforme informaram os gestores. Os remédios especializados são de responsabilidade das secretarias esta-

duais e do governo federal.

"Existe há mais de 90 dias desabastecimento crônico de medicamentos básicos e especializados que está afetando os serviços públicos de saúde, inclusive os básicos, estruturas nas quais a população busca atendimento de questões respiratórias e do pós-covid", pontuou o relatório.

(Colaborou Renan Soares)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 3